

## **Organização e repercussão da atuação dos militantes comunistas em Campos (1928-1964)**

Organization and repercussion of the action of the communist militants in Campos (1928-1964)

Letícia Nunes<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo tem por objetivo a análise do acervo de jornais do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, em Campos dos Goytacazes, a fim de elucidar questões referentes ao Partido Comunista em terra goitacá. Em contextualização preliminar será feita uma breve síntese do que foi o PCB (Partido Comunista Brasileiro) em âmbito nacional de 1922 até 1964, bem como sua linha política. Posteriormente, pretende-se explicitar o modo de atuação em Campos, seus principais conceitos políticos, membros mais destacados, primeiras iniciativas e propostas. Finalmente, através do levantamento feito nos jornais campistas, relataremos de que modo a imprensa local abordava as iniciativas do partido junto à população nos anos finais da década de 1920 ao golpe de 1964.

**Palavras-chave:** PCB, imprensa, Campos dos Goytacazes

### **Abstract**

The following article is intended to analyze the newspaper collection of the Waldir Pinto de Carvalho Municipal Public Archive in Campos dos Goytacazes, RJ, with a goal to elucidate questions concerning the Communist Party in Brazil. In the preliminary contextualization, a brief synthese of what the PCB was on a national scope from 1922 to 1964 and also its political line will be made. Later, it is intended to explain its performance in Campos, its principal political concepts, the prominent members, the first initiatives and proposals. Finally, through a data survey carried out in the Campos newspapers, we will report the manner in which the local press along with the population addressed the party's initiatives in the final years of the twenties up to the coup of 1964.

**Key-words:** Communist Party, Press, Campos dos Goytacazes.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense, Campus Campos dos Goytacazes.

## **PCB<sup>2</sup>: um resumo histórico**

Em âmbito nacional o partido comunista se difundiu a partir da Revolução Bolchevique e se tornou uma das principais correntes políticas do século XX com seus próprios valores, crenças e linguagens codificadas. O PCB foi criado em 1922 por dissidentes do anarquismo e, em meio a diversas perseguições e longos períodos de clandestinidade, sempre esteve presente nos principais momentos da política brasileira, tornando-se um dos partidos mais antigos do país. Os primeiros anos do movimento contaram com um campo de atuação bem restrito, visto que a maior parte dos militantes se encontrava no Rio de Janeiro (cerca de 60%), e outros se dividiam por São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Vitória, Juiz de Fora e nosso objeto de estudo, Campos dos Goytacazes. Portanto, o crescimento partidário foi pequeno até a década de 1930 quando um dos principais nomes da política brasileira, Luiz Carlos Prestes, tornou pública sua adesão aos ideais comunistas. Mesmo nos períodos de clandestinidade o PCB procurava se inserir no cenário político, propor alianças e candidatos, mas foi somente depois de Prestes e a formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) que o partido conseguiu ampliar seu campo de atuação e influenciar camadas médias da população (PEREIRA, 2007, p. 19).

O PCB carregou durante toda sua trajetória dois pontos coexistentes, isto é, ao mesmo tempo em que o Partido procurava seguir a orientação política da URSS e se influenciava por ela, também buscava levar em conta a realidade nacional. Desta forma, o PCB se subordinava a interesses nacionais e internacionais. Além disso, a relação entre o partido e a III Internacional Comunista também é fator de forte influência nas ações partidárias pós-1928, inclusive na formação da ANL e no movimento armado organizado pelos comunistas.

A fim de entender a importância da ANL nesse crescimento do PCB é necessário entender de forma concisa os objetivos e o caráter político-ideológico do movimento. A ANL foi oficialmente criada em março de 1935 como uma frente de combate ao fascismo e reuniu comunistas, socialistas, "tenentes", estudantes, grupos feministas, liberais, etc. Sob o lema "Pão, Terra e Liberdade" a organização lutava também contra o imperialismo e o latifúndio, pelas liberdades democráticas, a nacionalização de empresas estrangeiras, entre outras reivindicações. A Aliança se destacou politicamente e tornou-se a segunda força nacional, atrás apenas da Ação Integralista Brasileira (AIB). Utilizando-se da Lei de Segurança

---

<sup>2</sup> PCB: Partido Comunista Brasileiro, renomeado em 1960, sendo intitulado Partido Comunista do Brasil.

Nacional, de 04 de abril de 1935, Vargas fechou a ANL no mesmo ano de sua criação. O que nos interessa, porém, é que a partir da década de 1930, a adesão de um popular e respeitado nome da política, bem como a criação da ANL, influenciou de forma fundamental a trajetória política do partido comunista (PEREIRA, 2007, p. 27).

A ilegalidade da ANL provocou seu esvaziamento e a centralização do movimento na figura de Prestes e do PCB. A clandestinidade provocou um clima de indignação entre os comunistas que se organizaram pela tomada do governo, conhecida como "Intentona Comunista", que provocou forte repressão e forneceu argumentos para os protagonistas do golpe que implantou o Estado Novo. Desarticulado e com grande parte de seus dirigentes presos o Partido atravessou um período de estagnação e assim permaneceu até o período Pós-Segunda Guerra Mundial (PEREIRA, 2007, p. 27-29).

A vitória dos aliados e a aproximação entre Brasil e Estados Unidos evidenciou o paradoxo da política nacional, isto é, a defesa da liberal democracia por um lado e uma ditadura vigente no país por outro. Foi nesse contexto que o PCB começou sua rearticulação através da Conferência da Mantiqueira, em agosto de 1943, que instalou a nova direção nacional, tendo Prestes como secretário-geral ausente (preso desde 1936), e redefiniu a orientação política do movimento (GOMES, 2000, p. 42-44).

No Pós Segunda Guerra, o governo de Getúlio Vargas, sob a pressão de diversos grupos contestatórios, foi obrigado a ceder. Vargas aprovou um conjunto de medidas de cunho liberalizante, entre elas a realização de eleições e a reorganização do sistema político-partidário. Ao mesmo tempo houve uma grande campanha pela anistia de presos políticos, até que, em 18 de abril de 1945, 565 pessoas foram libertadas, inclusive Luiz Carlos Prestes. Entre todas as medidas adotadas, a reorganização político-partidária merece destaque, pois foi através da mesma que o PCB adquiriu novamente legalidade em 10 de novembro de 1945. A partir da redemocratização de 1945 e da obtenção da legalidade pelo PCB, o mesmo caminhou para se tornar um partido de massa e se destacou já em 1945, quando seu candidato à presidência da República, Iedo Fiúza, conquistou 10% dos votos, além de eleger Prestes como senador<sup>3</sup> e 14 deputados federais (PEREIRA, 2007, p. 30-32).

Em 1947 o PCB entra novamente na ilegalidade, desta vez por meio de alegações de que o partido seria uma organização estrangeira ligada a Moscou. Além disso, militantes comunistas sofreram diversas ações violentas e autoritárias, bem como o fechamento do MUT

---

<sup>3</sup> Prestes foi eleito senador pela Guanabara sendo o candidato que obteve proporcionalmente mais votos no país até então: 157.397.

(Movimento de União dos Trabalhadores), apreensão de documentos, arquivos, cassação de mandatos parlamentares, veto de jornais, o rompimento brasileiro com a URSS, etc. (ALVES, 2009, p.7)

A partir desse enrijecimento do governo Dutra para com o PCB, o mesmo passa por uma reformulação interna a partir de 1948 através dos Manifestos de Janeiro (1948) e de agosto (1950). Por meio desses documentos o PCB reconhece seus equívocos anteriores e se coloca fortemente em oposição ao governo, julgando-o submisso ao imperialismo e contrário aos interesses dos trabalhadores (LINS, 2016, p. 2-3).

O momento turbulento resultou em certo afastamento do PCB em relação aos sindicatos nos anos finais da década de 1940, isto é, um relativo distanciamento entre a cúpula partidária e as bases. Porém, a partir de 1952, a aproximação com setores petebistas permitiu uma reaproximação dos comunistas com os sindicatos. Após 1954, com o suicídio de Getúlio Vargas, essa reaproximação se intensificou. (LINS, 2016, p. 3-4)

Em 1960 o PCB lança campanhas visando à obtenção da legalidade partidária e muda, inclusive, sua nomenclatura de "Partido Comunista do Brasil" para "Partido Comunista Brasileiro" a fim de se adequar juridicamente.

Em 1964 é instaurado o golpe militar no Brasil, golpe esse que se estendeu por 21 anos e levou o PCB a mais um longo período de luta clandestina, bem como forte repressão e perseguição a seus militantes e simpatizantes.

## **O PCB em Campos**

Já no âmbito regional, especificamente em Campos dos Goytacazes, o Partido Comunista teve sua fundação na planície goitacá realizada entre os anos 1926-1930 e o pequeno núcleo contou com importantes nomes do movimento ao longo da história como: Adão Pereira Nunes, João Bento Leite, Jacy Barreto Gomes, Almir Amorim, Tarcísio Tupinambá, Hilton Catarino, João de Souza, Antônio João de Faria, Nina Arueira, Clóvis Tavares, José Barreto Gomes, Adão Voloch, Ivan Pessanha, Valdir Silva, Manuel Martins e dezenas de outros (GOMES, 2000, p. 17-18).

A partir da tomada do poder em 1930 pelo grupo liderado por Vargas, o Partido Comunista começa a se difundir em Campos, principalmente entre a massa operária. Grande parte dos adeptos ao movimento era composta por trabalhadores de fábricas de tecidos, ferroviários, eletricitários e estudantes. Nos anos de 1933/1934 formou-se na Fábrica de

Tecidos uma célula bem estruturada do PCB, que passou a gozar de grande influência nas fábricas campistas. A adesão de membros de tradicionais famílias da classe média campista como Adão Pereira Nunes e Nina Arueira inflamou e influenciou os movimentos grevistas, além de contribuir vertiginosamente para a crescente popularidade partidária regional (GOMES, 2000, p. 21-22).

Em 1935 instala-se em Campos um núcleo da ANL. É possível dizer que o PCB era a base da ANL, visto que grande parte dos militantes comunistas campistas também militava pela ANL. O fechamento arbitrário da organização resultou em uma grande insatisfação comunista e em uma tentativa de tomada de poder (GOMES, 2000, p. 31).

O levante militar convocado por Luiz Carlos Prestes foi derrotado. Em Campos foi formada uma brigada de militantes aliancistas e comunistas que se reuniram no antigo Cine Coliseu durante a madrugada do dia 26 para o dia 27 de novembro a espera de informações do levante no Rio de Janeiro. Com a derrota a brigada se dispersou. Portanto, o ano de 1935 foi de intensa ação partidária e perdas significativas para o partido comunista, tanto em âmbito nacional quanto regional. A derrota do levante resultou em anos de repressão, perseguição, dúvidas e um consequente esvaziamento do partido. Em Campos não foi diferente, com vários militantes sendo forçados ao exílio interno, ou seja, a ida para a vida clandestina, recurso necessário para tentar escapar da perseguição policial, a exemplo de Adão Pereira Nunes, que se exilou no interior de São Paulo até 1945. Nesse período a direção do partido na planície goitacá se desarticulou e foi praticamente dizimada, voltando a se articular apenas anos depois. A imprensa campista, através do *Monitor Campista* descreveu a “Intentona” como um ato de subversão orquestrado por Luiz Carlos Prestes, sendo necessária uma reação contra o comunismo, como aponta a manchete de 27 de novembro de 1935: “*A reação contra o comunismo precisa ser tanto no campo material como de ordem moral*” (GOMES, 2000, p. 33-37).

Nos anos de 1940-1942 o governo de Getúlio Vargas sofreu grande pressão norte-americana, e de aliados, para declarar guerra ao Eixo<sup>4</sup>. Nas ruas, comícios foram improvisados em repúdio aos nazistas e seus simpatizantes, incluindo a participação de membros comunistas. Em plena ditadura varguista um novo cenário se vislumbra. O governo até então inclinado aos ideais nazistas adere aos aliados e é justamente essa mudança de direção que permite a reorganização comunista nacional e, conseqüentemente, em Campos. Nas manifestações campistas cartazes produzidos pelos comunistas com dizeres antifascistas

---

<sup>4</sup> Aliança de guerra formada por Alemanha, Itália e Japão em oposição aos Aliados, grupo formado principalmente por EUA, Inglaterra e União Soviética.

eram vistos nas mãos da população, além disso, houve tentativas de invasões a estabelecimentos sabidamente ligadas a integralistas, como o Hotel Gaspar. Como resultado do enfraquecimento repressivo, um importante episódio para a reconstrução do PCB foi a Conferência da Mantiqueira, que possibilitou a retomada da organização e sua posição como partido de massa entre 1945-1948, quando novamente entrou na ilegalidade (GOMES, 2000, p. 42-44).

O jornal *Monitor Campista* relatou, em 21 de agosto de 1942, o contexto antifascista na cidade em matéria intitulada *Campos continua manifestando veementemente a sua repulsa aos inimigos do Brasil*:

A cidade continua manifestando vivamente a sua solidariedade ao governo do Brasil e sua repulsa aos inimigos da democracia chefiados pelos miseráveis nipo-nazi fascistas. Ontem, durante o dia, pelos quatro cantos da nossa terra, a população continuava, numa demonstração insofismável de que os campistas de hoje mantêm de pé as suas tradições de brasilidade, de amor à justiça, ao direito, à liberdade. (MONITOR CAMPISTA, 1942)

A partir do momento favorável, diversos militantes chegaram a Campos a fim de ajudar na reconstrução do partido no município, dentre eles Adão Voloch, Olavo Marins e Valduvino Loureiro. A retomada das atividades militantes encontrou diversos obstáculos, porém, as vitórias do exército vermelho em 1944 repercutiram de forma positiva, resultando na reorganização do partido com direcionamento ideológico voltado para as massas, ocasionando inúmeras adesões. O movimento de reorganização se fortaleceu ainda mais com o fim definitivo da guerra e a anistia política concedida por Vargas em 18 de abril. Além disso, a vitória soviética sobre a Alemanha nazista ecoou na imprensa de forma a questionar ações realizadas por empresários regionais e até mesmo o prefeito, Ferreira Machado. Uma dessas ações ditas sociais foi, por exemplo, a doação de 1 milhão de cruzeiros para a instalação da nova Santa Casa, feita pelo governante campista. Desta forma, a imprensa campista produziu diversas matérias a fim de destacar as ações empresariais de cunho social, como na matéria abaixo, nomeada e publicada pelo *Monitor Campista* em 20 de agosto de 1944: *Os communistas de Campos*:

Toda gente lhe louva e agradece a atitude. E esse comentário assume, por vezes, aspectos bem curiosos e significativos.  
(...) Noutro círculo igualmente culto se analisava com simpatia a obra que outros industriais veem realizando em suas propriedades. Nesse caso, os irmãos Pessoa de Queiroz, no Outeiro, excelentes comunistas que veem construindo para os seus auxiliares ótimas casas tipo “bungalow”. Nesse

caso, os srs. Edward Sladen e Prytman, que também estão levando a efeito em Goitacazes e em Santa Cruz uma obra interessantíssima de assistência social. Nesse caso, ainda nesse outro rubro que se chama Carlos Ribeiro, dotando a fábrica de tecidos que dirige de um restaurante, de uma crèche e tendo em mira, em relação aos seus operários, outros magníficos projetos que serão oportunamente postos em prática.

São comentários que se ouvem e explicam o grande entusiasmo causado pelo gesto do sr. Ferreira Machado, atirando essa bomba de mil quilos de benemerência ao velho quarteirão do remanescente capitalismo reacionário (MONITOR CAMPISTA, 1944).

A matéria citada não esclarece as motivações dos empresários em relação às ações benevolentes, talvez estejam relacionadas a uma tentativa de controle de seus trabalhadores e a prevenção de futuras greves. Outra possibilidade seria a busca por uma aproximação com as camadas populares, visto a grande inserção de militantes no seio de células operárias. Em todo caso, é uma questão que ainda necessita de aprofundamento.

Em agosto de 1945, foi instalado de forma legal o PCB em Campos. Para o comício de apresentação da nova direção chega a Campos Adão Pereira Nunes, exilado há 10 anos no interior de São Paulo. Nesse momento, comitês populares dos bairros eram bastante atuantes, destacando-se o do Turf Club. No comício de instauração diversas personalidades discursaram, como Barreto Gomes, Luiz Peçanha, Arcelina Marchel, Custódio Siqueira e Adão Pereira Nunes, por exemplo. É um momento de euforia e otimismo no interior do partido, de fortalecimento das células e adesões militantes, principalmente nos meios operários e entre trabalhadores industriários, todos vislumbrando as eleições nacionais que se aproximavam (GOMES, 2000, p. 48-51).

Ainda em 1945, precisamente em setembro, Luiz Carlos Prestes faz sua primeira visita a Campos, fato descrito por Delso Gomes como um importante acontecimento para o crescimento do movimento comunista campista, que reuniu grande quantidade de trabalhadores em sua recepção e cerca de 5 mil pessoas no comício realizado na Praça São Salvador. Porém, é curiosa a não repercussão do fato na imprensa campista. Desta forma, é possível observar recorrente ajuda política por parte do comitê nacional e estadual para com o comitê municipal, sempre enviando importantes dirigentes como Agildo Barata e Carlos Marighella, resultando em bom número de novos adeptos, principalmente entre as usinas de Cupim, Mineiros, São João, Queimados, na Fundação Goytacaz e na Ferrovia Leopoldina. Durante os anos de 1945/1946, portanto, houve intensa movimentação partidária em Campos (GOMES, 2000, p. 51-54).

O ano de 1947 foi marcado por três situações: as eleições estaduais, as eleições municipais e a cassação do registro político do partido. Nas eleições estaduais o PCB elegeu dois deputados, Dr. Josias Reis e Celso Torres, reforçando a posição do partido como terceira força política do município, atrás do PSD e da UDN. O bom resultado nas urnas acarretou na insatisfação das camadas conservadoras, que iniciaram uma pressão pela cassação do partido. Além disso, o alinhamento do governo Dutra com a lógica estadunidense na Guerra Fria e a consequente inclusão do Brasil no combate ao comunismo intensificaram e pressionaram de forma significativa a campanha pela extinção do partido. Em 7 de maio de 1947, depois de meses de discussão, é cassado o Partido Comunista do Brasil. Ademais, o governo Dutra fechou diversas outras instituições, como a Confederação dos Trabalhadores do Brasil (CTB) e a Central Sindical do Proletariado Nacional, a fim de aniquilar a influência comunista nos sindicatos (GOMES, 2000, p. 64-69). Na edição de 8 de maio de 1947 o *Monitor Campista* publicou a matéria intitulada *Decidido pelo T.S.E. o fechamento do Partido Comunista:*

Votaram a favor da medida os desembargadores Candido Lobo, Rocha Lagôa e Antônio Nogueira Filho.

Só hoje será a resolução comunicada ao Senado e à Câmara --- fechamento de 492 células do distrito Federal --- continuaria como sociedade civil, declara o advogado do Partido Comunista (MONITOR CAMPISTA, 1947).

Diante desse cenário de incertezas, as eleições municipais são marcadas para 28 de setembro de 1947. Em Campos, Manoel Pereira Paes lança sua candidatura pelo PSD e Serafim Saldanha era o candidato do PTB. Desta forma, Prestes convoca os comunistas para participarem das eleições municipais obtendo um milhão de votos em todo o país, com o objetivo de responder a cassação partidária. Assim, faltando apenas um mês para as eleições, Custódio Siqueira - político querido e identificado com as massas - lança sua candidatura, que rapidamente recebe o apoio da militância comunista, cresce de intensidade e vibração por parte dos eleitores, colocando-se em condição de igualdade em relação aos demais candidatos.

Durante o último comício da campanha, em 24 de setembro na Praça São Salvador, estimou-se 8 mil presentes e a sensação de vitória nas urnas. Após o comício, Custódio e populares foram em passeata até a sede do partido, onde o candidato passou mal e morreu no local, vítima de um infarto fulminante. Chegava ao fim a mais empolgante campanha do PCB em Campos. Diante do fato, o partido decide, mesmo que não por unanimidade, declarar apoio ao candidato do PSD, Dr. Manoel Ferreira Paes, posteriormente eleito. Os anos que se seguiram foram marcados por diversas discordâncias políticas, cassação

dos mandatos dos comunistas e por divergências do partido para com o governo Dutra. A cassação do partido, porém, não impede a atuação dos militantes comunistas em diversos segmentos sociais e em importantes eventos da história brasileira, como a campanha “O petróleo é nosso”, que contou com a massiva participação do partido (GOMES, 2000 p. 69-75).

Em 1950 novas eleições municipais são marcadas e o PCB apresenta seu candidato a prefeito, o jornalista e militante Everaldo Martins, em comício na Praça São Salvador, onde foi lido o Manifesto de Agosto. O lançamento da candidatura, porém, tem um caráter tático, visando propagar e divulgar a nova linha política do partido (GOMES, 2000 p. 93-95).

Os anos de 1951-1953 foram de intensa militância, mas de forte repressão, tanto da polícia quanto da imprensa. O partido se lançava em lutas populares como a nacionalização do petróleo, se colocava contra a Guerra da Coréia e se inseria em núcleos menores, de bairros, por exemplo. Assim, mesmo que de forma marginal, o PCB se manteve ativo em Campos. As atividades comunistas, porém, de forma geral, não eram vistas com bons olhos pela camada conservadora da sociedade campista, que as julgava subversivas. Em seu livro, Delso Gomes, entre outros casos, relata a apreensão de material de propaganda partidária nesse período como um exagero policial:

Os jornais publicavam, ainda em agosto, aviso do agente do DOPS, conhecido como sr. Madeira, lotado em Campos, prevenindo a população sobre um plano dos comunistas de manifestações contra a guerra da Coréia, perturbando a ordem. Afirmava que a manifestação seria reprimida. Tudo fantasia de um policial querendo apresentar serviço (GOMES, 2000, p. 100).

De modo muito diferente do relato anterior, o *Monitor Campista* publica, em 20 de setembro de 1951, a matéria nomeada *Apreendidos vários prospectos de propaganda comunista*:

O comissário Osvaldo Trota, em diligência levada a efeito na tarde de ontem, apreendeu, no interior de uma pequena tipografia situada na rua Oliveira Botelho, farto material de propaganda comunista.

Milhares de prospectos contendo um manifesto aos trabalhadores e ao povo campista, assinado pelo “Comitê Municipal do Partido Comunista do Brasil”, concitando o povo à se levantar em protesto contra o código tributário, já se encontravam impressos e prontos para serem distribuídos, quando chegou a polícia.

Os responsáveis pela tipografia foram detidos, a fim de apresentarem depoimento na delegacia. Continha, ainda, o referido manifesto, ataques

exacerbados ao prefeito José Alves e o usineiro Bartolomeu Lizandro (MONITOR CAMPISTA, 1951).

A partir da metade de 1953, a direção central do partido se modifica em todo o país e são criadas direções regionais pelo interior, inclusive em Campos, que passa a ser sede de um Comitê Regional vinculado ao Comitê Central. Esse momento marcou o recomeço e a retomada da importância efetiva do PCB na política campista, sendo interrompida apenas pelo golpe civil-militar de 1964 (GOMES, 2000, p. 115-116).

Em 24 de agosto de 1954, sob forte pressão, Getúlio Vargas comete suicídio e dá fim ao seu governo. Em Campos, assim como em todo o país, diversos setores da população paralisaram e o movimento comunista mais uma vez se inseriu nas manifestações a fim de denunciar um golpe. Nesse momento o PCB se distancia do Manifesto de Agosto ao se aproximar de outras legendas políticas, como os trabalhistas e getulistas, todos unidos em prol da luta contra o que os mesmos entendiam ser um golpe de Estado, união essa que se manteve na campanha que elegeu Juscelino Kubitschek Presidente do Brasil (GOMES, 2000, p. 123-125).

A reaproximação do PCB com outros movimentos políticos foi o início de diversas mudanças posteriores. O ano de 1958, porém, não foi marcado apenas pelas transformações internas, mas também pelo retorno de Adão Pereira Nunes e pela liberdade de Luiz Carlos Prestes, que deu novo ânimo aos partidários. Neste mesmo ano Prestes esteve em Campos, episódio que não só revigorou os anseios militantes como contribuiu para uma renovação da linha política denominada “Declaração de Março de 1958”, ou seja, o rompimento formal com o Manifesto de Agosto. Em 1959 os Comitês Regionais são extintos e, portanto, o comitê campista dá lugar a um novo Comitê Municipal, subordinado ao Estadual, retornando, portanto, à estrutura tradicional (GOMES, 2000, p. 150-151).

No início do ano de 1960, após o V Congresso do PCB, uma nova cisão é registrada no interior do partido. Enquanto uma vertente acredita na unidade das forças operárias e na aliança das forças populares, em consonância com o que vinha acontecendo desde a morte de Vargas e a Declaração de Março de 1958, outro grupo acreditava na necessidade da radicalização da luta de classes, rompendo, portanto, com a aliança PTB-PSD-PCB. Em Campos, o partido avança nas organizações sindicais, populares e comunitárias, fortalecendo suas ações e se consolidando em meio à população (GOMES, 2000, p. 152-155).

As eleições de 1960 definiram o sucessor de JK na presidência da República. O primeiro candidato a se lançar foi Jânio Quadros, apoiado pela UDN e por grandes veículos

da imprensa, como o Estado de São Paulo e o Correio da Manhã. Em oposição, o PCB apoiou a candidatura de Marechal Henrique Teixeira Lott, ministro da guerra. Ambos os candidatos visitaram a cidade de Campos, em 23 de março e 21 de junho, respectivamente. O PCB campista, a fim de fortalecer a campanha em favor de Lott, realiza uma série de ações, tal como carros de sons nas ruas e a fundação de diversos comitês nos bairros. Em 8 de setembro um grande comício foi organizado em prol da eleição de Lott e Jango, com a presença do líder partidário, Luiz Carlos Prestes. Em 3 de outubro de 1960 Jânio Quadros foi eleito Presidente, deixando Lott em segundo, mas tendo Jango como seu vice (GOMES, 2000, p. 179-183).

Em 25 de agosto de 1961, porém, Jânio Quadros surpreende a nação ao anunciar sua renúncia, deixando uma lacuna governamental que os ministros militares pretendiam preencher. Diante do conturbado cenário, o PCB se posicionou contra o possível golpe e a favor da posse de João Goulart. Em Campos, sindicatos foram mobilizados e o Conselho Sindical convocado a fim de discutir o momento político. Além disso, propôs-se decretar greve geral no dia 27 de agosto como tentativa de pressionar politicamente e pôr fim ao imbróglio. A greve em Campos durou 24 horas, mas a promovida pelos rodoviários se estendeu até a posse de João Goulart. O Conselho Sindical telegrafou à Câmara dos Deputados exigindo o cumprimento da constituição e houve, ainda, uma passeata em direção à Praça São Salvador. Por influência do partido comunista é criado em Campos, em 30 de agosto, o Conselho da Legalidade em Campos, assim como em todo o país. Nesse momento o núcleo em Campos começa a obter novas adesões de trabalhadores, intelectuais e servidores públicos e, conseqüentemente, sua força nos sindicatos e nas células de bairros é reforçada a cada instante. Desta forma, o ano de 1961 é marcado pela volta do PCB ao lugar de partido de massa, com diversas atividades a fim de incentivar seus militantes a participarem de atos públicos, e se inserirem em sindicatos ou núcleos (GOMES, 2000, p. 187-192).

O ano de 1963 foi marcado por dois importantes fatos, o primeiro de cunho nacional (plebiscito<sup>5</sup>) e o segundo regional (Ocupação do Imbé<sup>6</sup>). Em 6 de janeiro de 1963 a população brasileira foi incumbida de decidir pelo presidencialismo ou pelo parlamentarismo. A maioria decidiu pelo presidencialismo, devolvendo a Jango seus plenos poderes. Ainda em 1963, porém, a luta pelas terras do Imbé causa grande repercussão regional e se relaciona à eclosão de diversas greves trabalhadoras na cidade. Assim, como em outros episódios, o

---

<sup>5</sup> Plebiscito sobre o novo sistema de governo do Brasil - presidencialismo ou parlamentarismo - realizado em 6 de janeiro de 1963.)

<sup>6</sup> Luta pelas terras desabitadas, férteis e de florestas virgens, pertencentes ao Estado na região do Imbé, e que estavam sendo griladas por fazendeiros e usineiros locais (GOMES, 2000, p. 202).

*Monitor Campista*, entre outras manchetes, se referiu ao PCB como um partido agitador, como na matéria de 6 de abril de 1963, destacada abaixo:

Mais uma greve. Os trens da Leopoldina deixaram de correr, desde a manhã de ontem. Até a noite não havia sido restabelecido o tráfego ferroviário. Mas por que? Novas reivindicações? Atraso nos pagamentos? Não. Nada disso. Apenas reação diante do fato de haver fracassado a tentativa do deputado comunista Adão Pereira Nunes, no Imbé, para onde atraira o parlamentar cerca de duzentas famílias, com as quais prometera distribuir terras. E, como o delegado Ivo Graça fôra a autoridade incumbida de ir pedir às centenas pessoas enganadas que se retirassem, contra ele se voltou a raiva dos vermelhos. Dirigiram ultimatum ao governo. Querem-no fora do cargo dentro de 24 horas (MONITOR CAMPISTA, 1963).

Diante do cenário político diversas greves e pressões são enfrentadas pelo governo de Jango pelas Reformas de Base, defendidas por diversos partidos, inclusive o PCB e pela esquerda mais radical capitaneada por Brizola, e descartadas por outra ala política, principalmente por Carlos Lacerda e Ademar de Barros, ambos de direita. Em contrapartida, o PCB busca mobilizar e organizar o povo a fim de evitar um golpe que se desenhava. Nesse momento, em âmbito nacional o PCB viveu uma legalidade de fato, mas uma ilegalidade jurídica. O dia 13 de março de 1964 foi um marco para a unidade das forças democráticas, progressistas e de esquerda, isso porque um grande comício foi realizado na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, em defesa das Reformas de Base, que contou com a presença do Presidente da República, João Goulart, bem como importantes figuras políticas, tal como Leonel Brizola e Adão Pereira Nunes, além de cerca de 100 mil pessoas (GOMES, 2000, p. 213-220).

Em 31 de março de 1964, porém, começa a investida militar que derrubou o governo de Jango e instaurou o regime militar no Brasil, regime esse que perdurou por 21 anos e reprimiu de forma violenta seus opositores, entre eles os comunistas. Em Campos, houve articulações por parte do PCB e dos movimentos sindicais com o objetivo de deter o golpe e apoiar o governo de João Goulart. Um comício foi organizado na Praça São Salvador, que contou com boa participação popular, mas ao fim do movimento o golpe já havia sido instaurado e o clima entre os presentes era de pessimismo. Diante da instituição do regime militar iniciou-se também forte repressão e diversas prisões, como aponta o relato publicado no *Monitor Campista* em 7 de abril de 1964:

Cumprindo ordens superiores, a polícia de Campos iniciou ontem uma série de diligências para prender várias pessoas comprometidas com os últimos

acontecimentos, notadamente líderes sindicais suspeitos de vinculação com o comunismo. As prisões estão sendo efetuadas à base de uma lista fornecida pelo Departamento de Polícia Social (MONITOR CAMPISTA, 1964).

### A imprensa campista e o PCB

Jornal	Período	Nº de matérias
Folha do Comércio/Monitor Campista	Fim da Década de 20 (1927, 1928, 1929)	32
Folha do Comércio/Monitor Campista	Década de 30	141
Monitor Campista	Década de 40	66
Monitor Campista	Década de 50	50
Monitor Campista	Década de 60 (Até o golpe militar)	66

Ao observar a tabela acima nota-se o número de matérias jornalísticas sobre o PCB. A partir disso, os anos 1930 foram de grande repercussão partidária, ocasionando a maior presença no jornal campista durante todo o período analisado. A década de 40, porém, registrou uma vertiginosa queda no número de registros, muito pelo foco dado às notícias sobre a Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, a clandestinidade do partido e a consequente censura imposta pelo Estado Novo que, certamente, não permitiria matérias, a menos que negativas e autorizadas sobre o PCB. Com o fim da Segunda Guerra e a intensificação da Guerra Fria, nota-se nos periódicos um teor mais negativo em relação ao PCB e ao movimento comunista de modo geral, sendo o mesmo nocivo ao país, desta forma, na década de 1950, os números marcaram novo declínio. Nos anos iniciais da década de 60, porém, a repercussão das atividades comunistas voltou a crescer, mesmo que com teor negativo. Além disso, é importante salientar que o período estudado alcança apenas a instauração do golpe militar, os seja, todas as matérias computadas nessa década findam no ano de 1964.

Durante toda a análise do material foi possível observar o caráter conservador do *Monitor Campista*, que em muitos momentos relevantes da história do partido se limitou a pequena ou nenhuma repercussão, resultado do posicionamento ideológico demonstrado. Desta forma, durante longos períodos, não houve matérias voltadas para a discussão ideológica, muitas vezes colocando questões comunistas em pequenas notas ou em fins de

páginas e, considerando que a diagramação do jornal não contribuiu para um olhar limpo e geral do conteúdo, temas de cunho comunista ganharam pouco destaque. Ainda em análise do jornal, foi curioso observar a ausência quase que completa de material sobre o partido nos anos de decorrência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), isto é, pouquíssimas matérias, colunas ou notas davam conta do assunto que, como explicitado no tópico acima, estava ativo. No pós-guerra, porém, o anticomunismo na imprensa se tornou mais efervescente e, por influência da Guerra Fria e do apoio brasileiro aos norte-americanos, grande parte das matérias tinha cunho negativo e depreciativo em relação ao movimento e essa tendência se evidenciou e se afirmou nas proximidades do golpe militar.

É interessante observar que a análise de dois materiais, de distintos produtores e diferentes cunhos ideológicos, produz antagônicas visões acerca do movimento comunista em Campos. O livro escrito por Delso Gomes, militante do PCB campista, conserva uma visão romântica e grandiosa dos feitos do partido, sempre enfatizando a importância dos movimentos e muitas vezes destacando grande repercussão, como no trecho destacado:

Carregado nos ombros, aos gritos de “já ganhou”, “já está vitorioso”, “já é prefeito”, Custódio se emociona. À frente da massa, ao lado de Custódio, encontram-se os dirigentes do Partido, o deputado Pedro Pomar, Agildo Barata, e todos os candidatos à vereança. A emoção tocou fundo o coração de Custódio, com a manifestação recebida e o carinho do povo a um candidato humilde e desprovido de recursos materiais e financeiros, assim como seu Partido (GOMES, 2000, p. 71).

Por outro lado, o jornal *Monitor Campista* raramente salienta alguma manifestação a fim de destacar grandes feitos, sendo a maior parte das referências negativas, como na publicação do *Monitor Campista* de 10 de maio de 1950:

Chega a ser impiedade. Parece que existe mesmo o desejo de afetar a cidade. Diversos muros e fachadas de prédios recentemente pintados apareceram sujos nas proximidades de 1 de maio. A expressão não pode ser outra. Tem que ser essa mesma. Sujos. (...)

(...) É preciso, no entanto, que haja uma providência. E essa providência não pode esperar da Câmara, pelo menos enquanto não se resolver o caso da presidência, pois dependem as chamadas minorias do voto do comunista Voloch.

A persistir o abuso, nenhum proprietário, dentro em pouco, se dará ao trabalho e ao gosto de mandar pintar o seu prédio. Não adianta, porque, no dia seguinte, terá apenas colaborado com os comunistas (MONITOR CAMPISTA, 1950).

Assim, ao analisar o jornal campista no período citado (1927-1964), juntamente com a leitura bibliográfica, foi possível observar a pequena, mas intensa atuação do PCB em Campos dos Goytacazes. Por diversos momentos o partido se desarticulou, perdeu membros importantes, seja por morte, exílio ou abandono, mas se manteve atuante. Assim como o PCB em âmbito nacional, o partido em sua forma regional também sofreu com a instabilidade política das lideranças, bem como as fortes oposições e repressões. Apesar disso, os militantes se mantiveram presentes principalmente dentro da classe trabalhadora, majoritariamente entre o operariado dos setores açucareiros e ferroviários.

Portanto, ainda que a atuação dos comunistas campistas tenha se mantido ativa e atuante, durante boa parte do intervalo averiguado a imprensa campista, lê-se principalmente *Monitor Campista*, se mostrou bastante conservadora e avessa ao movimento comunista, dando pouca ou nenhuma repercussão aos principais feitos do partido e, por outro lado, um caráter limitado e depreciativo às ações militantes.

## **Referências**

ALVES, Tiago João José. “A política do PCB no início da Guerra Fria”. In: *ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza: 2009.

GOMES, Delso. *História do Partido Comunista em Campos: Memórias de um Partido Revolucionário*. Campos, Rio de Janeiro: Jornal Dois Estados Gráfica e Editora, 2000.

LINS, Marcelo da Silva. “Os comunistas e os trabalhadores entre mudanças da linha política e os sindicatos”. In: *XVII Encontro de História - ANPUH*. Nova Iguaçu: 2016.

PEREIRA, Raquel Aparecida. *Bandeiras vermelhas nas ruas da cidade: Comunismo e Espaço Público em Belo Horizonte (1945-1951)*. Dissertação de mestrado em História – Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

## **Fontes impressas**

Jornal Folha do Comércio - 1927, 1929, 1930.

Jornal Monitor Campista - 1928, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964.